

ALPHONSUS DE GUIMARAENS FILHO

Viajando num raio de lua



ALPHONSUS DE GUIMARAENS FILHO

(Mariana, 1918 – Rio de Janeiro, 2008)

Em quase sete décadas de atividade poética, ao longo das quais publicou mais de vinte livros, Alphonsus de Guimaraens Filho construiu uma obra das mais belas e coerentes dentro da tradição do lirismo brasileiro. Essa coerência tem sua raiz mais profunda na fidelidade a uma poesia de feição muito própria, infensa a modismos ou escolas literárias que se multiplicaram a partir da década de 1930, época em que Alphonsus Filho vai escrever, ainda adolescente, *Lume de estrelas*.

Se podemos perceber nesse livro de estreia, marcado por tempestuosa e noturna força romântica, aproximação com um Augusto Frederico Schmidt ou com o primeiro Vinicius de Moraes, é fundamental ressaltar que Alphonsus Filho irá, de livro em livro, operar uma série de transformações em seu caminho poético, sem jamais perder a identidade inicial. Assim é que, em momentos posteriores, já estará mais próximo dos modernos Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, bem como da lírica espanhola, quando se faz nítida, por exemplo, a forte ligação com Federico García Lorca.

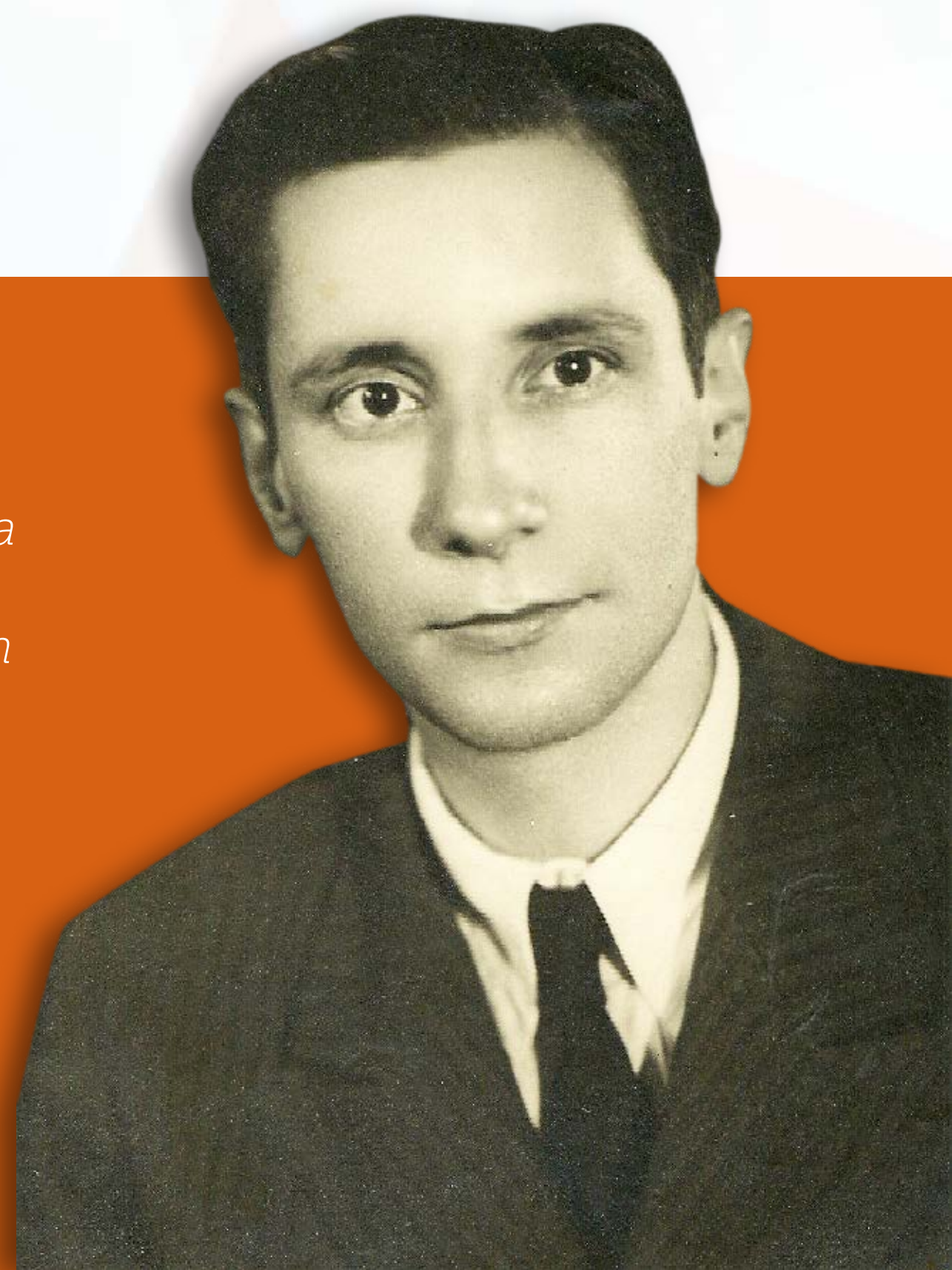
Poeta das montanhas mineiras, Alphonsus Filho é também, na palavra de Alexei Bueno, “um dos nossos grandes poetas do mar”, principalmente com *Elegia de Guarapari* e *Cemitério de pescadores*. Diz ainda Alexei: “sendo um dos nossos poetas mais sensíveis à efemeridade do tempo e à onipresença da morte, é por outro lado dos mais ligados à extrema modernidade, representada metonimicamente pelo seu livro *Ao Oeste chegamos*, contemporâneo do surgimento de Brasília, ou por alguns admiráveis poemas sobre a conquista espacial”. Em suma, e como já afirmara Vinicius de Moraes, Alphonsus de Guimaraens Filho, com toda a rica variedade temática junto à primorosa construção do poema, é, sem favor, ao lado de João Cabral de Melo Neto, nome fundamental de seu tempo.

Diz dele Carlos Drummond de Andrade:

“Das vozes mais puras que já se escutaram em verso no Brasil. Voz que nos enriquece com sua melodia de órgão e flauta transversa, buscando conciliar os desconcertos do mundo e abrir um caminho de céu a céu, entre sombras.”

Afonso Henriques Neto

Curador



CANÇÃO DA MOÇA DO LENÇO AZUL

A noite morde a distância
nas praias do vento sul.
E dizer que me pescaste
a moça do lenço azul!

Me deitarei no lajedo,
tuas mãos nos meus cabelos...
Perdi de todo o meu medo,
atirei fora os meus zelos.

Sou todo luar... Molhei-me
de luar na água do rio.
Entre as estrelas deitei-me
e não me queixei do frio.

Feri as faces da lua,
feri-a rindo... E o luar
me deu a paragem nua
onde a doida vai lembrar.

Abri a minha varanda,
vi a noite... A estrela ria
me acenando da outra banda,
fria, fria...

Me perder onde me achaste,
nas praias do vento sul!
Pescador, ouve o lamento...
Pescador, por que pescaste
a moça do lenço azul?

(In: Nostalgia dos Anjos, 1939-1944)



III

(MOMENTO)

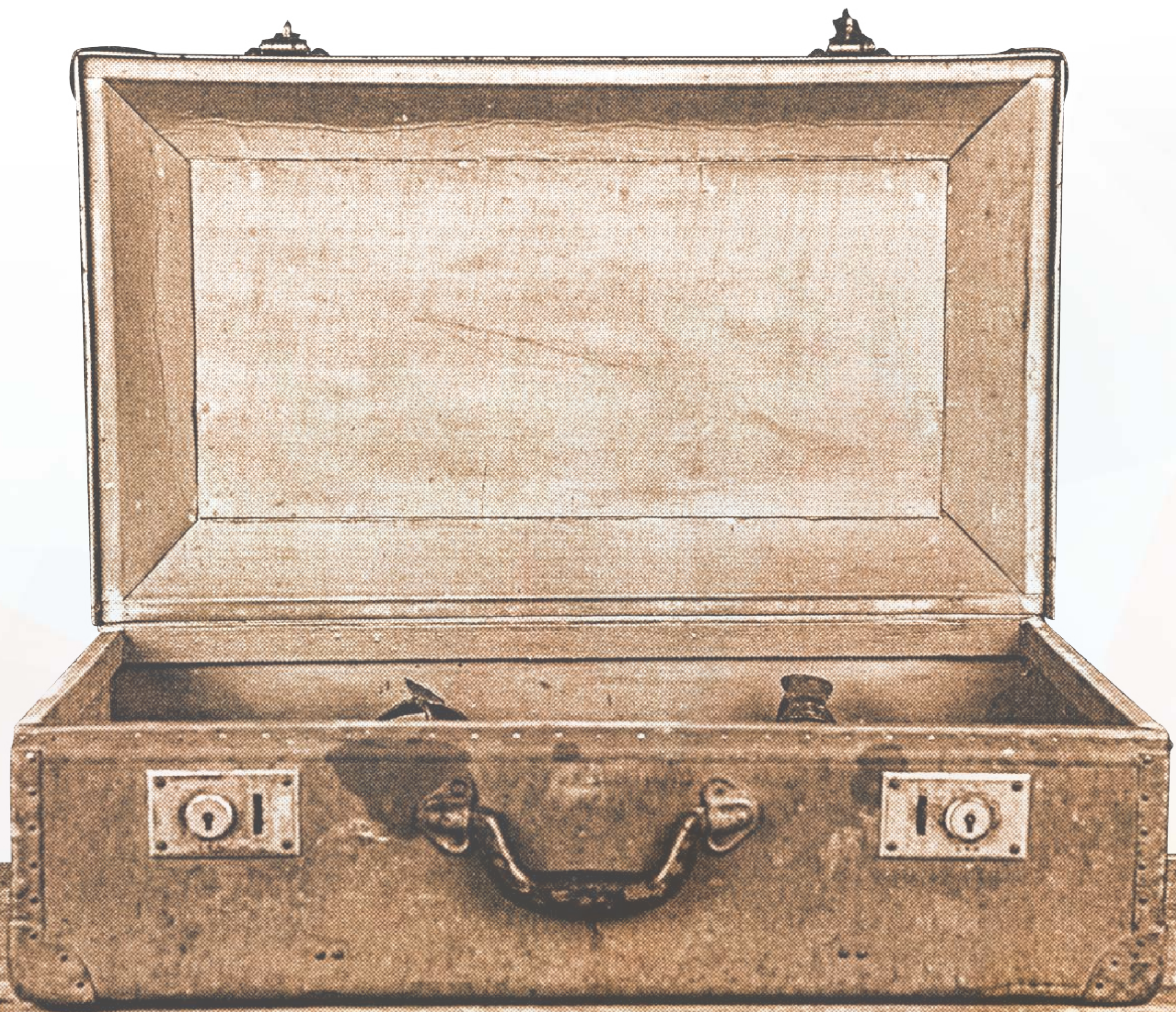
Minha amada tão longe! Com franqueza:
eu penso sempre em me mudar daqui.
Pôr na sacola o pão que está na mesa,
sair vagabundando por aí.

A luz do quarto ficará acesa.
(Foi neste quarto que me conheci...)
Deixarei um bilhete sobre a mesa,
dizendo a minha mãe por que parti.

Ah! ir cantando pelo mundo afora
como um boêmio amigo das cantigas,
alma febril que a música alivia!

Se perguntarem, digam: "Ainda agora
saiu buscando terras mais amigas,
mas é possível que ele volte um dia".

(In: Sonetos da ausência, 1940-1943)





DELÍRIO

A Mário de Andrade

Há soalhas tinindo. São pandeiros.
Dos céus, dos mares, dos estivadores,
chegam canções. E contam que os amores
morreram. Até os puros e os primeiros.

Serão canções carnavalescas? Cheiros
de éter, contorções, risos e cores.
Mulheres mortas. Préstitos. Temores.
Ventos do norte, ventos companheiros...

Há soalhas tinindo. Um enterro passa.
Vão sepultar a leve incompreendida.
Chocalham risos. Vai cantar alguém.

Sufoca a treva. Mata. Amor? Chalaça...
Eulália é morta? Eulália está ferida?
Falem mais alto, que eu não ouço bem.

(In: Sonetos da ausência, 1940-1943)



O SONETO DA CAPELA DE SANT'ANA

Cheguei sem nem saber porque viria.
Cheguei cantando em plena madrugada.
Por encontrar a porta entrecerrada,
cantando entrei. Cantando ficaria,

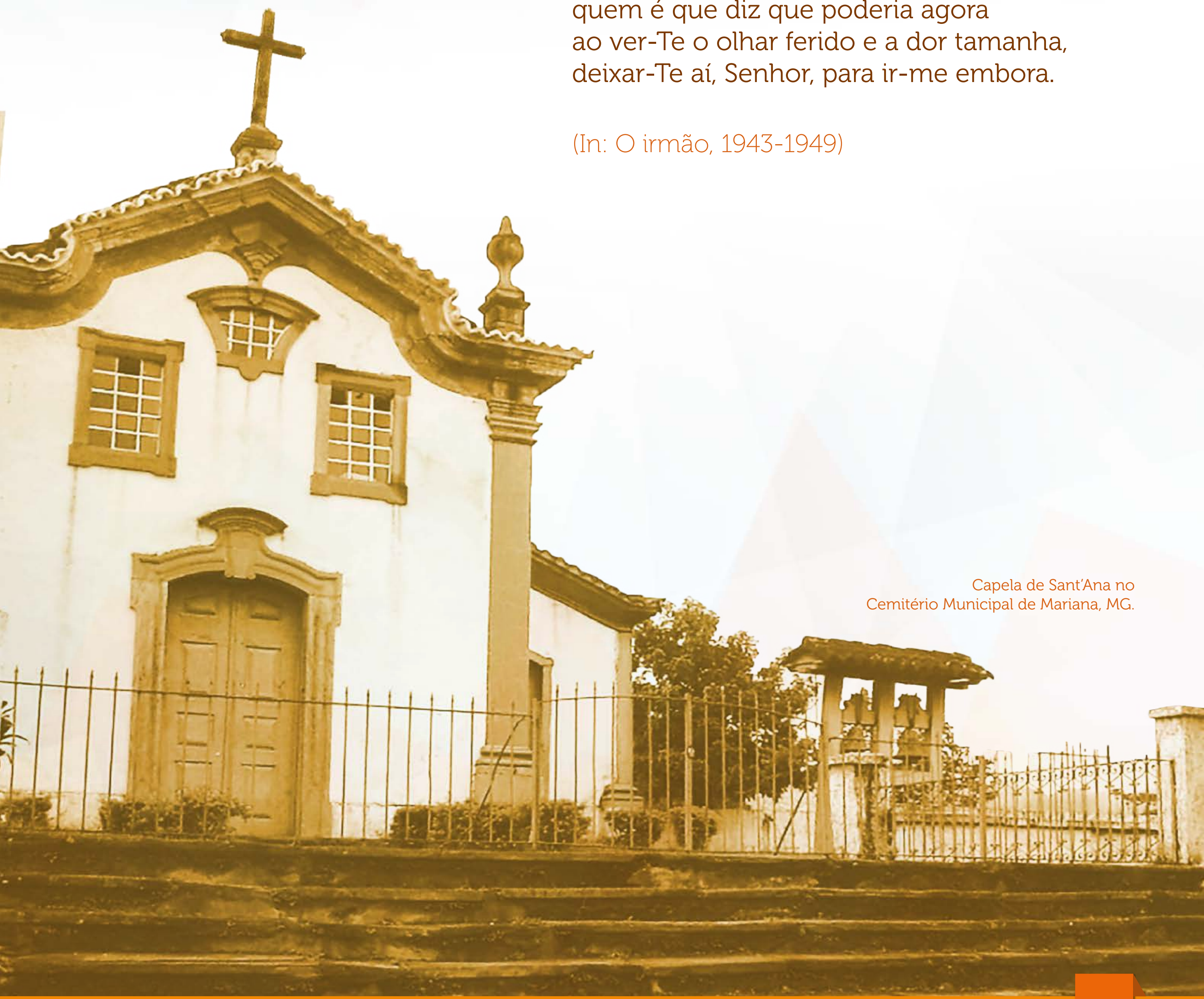
não fosse o Teu silêncio, a mão cansada
contendo a claridade fugidia.
Senhor, eu nem cuidara de mais nada,
com tanta ardência desejara o dia.

A capelinha – um céu silvestre e vivo –
dormia no sossego da montanha.
E eu que cantava e ria sem motivo,

quem é que diz que poderia agora
ao ver-Te o olhar ferido e a dor tamanha,
deixar-Te aí, Senhor, para ir-me embora.

(In: O irmão, 1943-1949)

Capela de Sant'Ana no
Cemitério Municipal de Mariana, MG.



CADEIRA DE DENTISTA

Qualquer coisa nos diz que a liberdade é próxima.
Do alto edifício, a paisagem se modela nitidamente ao sol.
Mas que paisagem? São os mesmos blocos de edifícios altos e sujos.
E a solidão das janelas.

Qualquer coisa nos diz...
E, no entanto, esta inexorável submissão ao destino.

(In: Aqui, 1944-1960)



O DELFIM

Deu-se que não havia chá, nem salão, nem mesmo a dama que me esperava.

– O delfim estará?

– Senhor, o delfim é ausente.

– Então três chávenas de chá-da-índia! Três chávenas de chá-da-índia!

(Pausa)

– Mas... o delfim é ausente?

– Senhor, o delfim é morto desde os idos de dezembro.

– Então três taças de lua! Três taças de lua!

Por Deus, três taças de lua!

(In: Aqui, 1944-1960)





Jantar oferecido ao poeta Alphonso de Guimarães Filho, no restaurante "Colono", em maio de 1942, em comemoração ao prêmio concedido pela Academia Brasileira ao livro "Luz e Betêlas".

A ciranda da família
 Hymirene e Afonso Henrique,
 Brincam de roda na rua,
 Vejam só o Afonso Henrique,
 com sua cara de lua.
 Vejam só o Afonso Henrique
 com sua cara bonita!
 Namorou demais o maroto,
 vai cantar, e regorgitô!
 Reporritou? Hymirene
 consulta o dr. Witrock.
 Pádua tanto. E suspira.
 Quanto ao pai, faz seu sossego.
 Mas continua a ciranda,
 que ciranda! Sarandando.
 Pois Hymirene ^{que} canta,
 pro Afonso Henrique... manando!

Carl in Brumma de Lo Andar
 qui' hin a Rep
 Lucia Henrique
 Henrique
 Segundo hin the of
 Jun gaud,
 Henriqueta Lisboa
 Otto Maria Carpeaux
 Alphonso de Guimarães Filho

Belo Horizonte, 5. 4. 1957
 Alphonso,
 Impressionou-me profundamente a visão de conjunto de seu livro "Poesias". A força e a pureza de sua inspiração divergem com o mais forte e puro manancial da nova lirica. "Festividade dos Anjos" traduz com plenitude, no seu jogo de nebulosas imagens e ritmos errantes a angústia do vago, que é o seu estigma e a sua coroa de poeta. Agrada-me ainda mais, pela desenha arbitrio, de linhas vibrantes e nervosas, e pela unidade de concepção, a primeira parte do livro. O que me comove, principalmente, nos "Sonetos de Ausência", é essa candura sobriega, esse elemento irradiante e ao mesmo tempo velado, a que chamarei a delicadeza de agreste. Hymirene deve sentir orgulho de haver insuado de esse poema que ficara, na literatura brasileira, como um dos mais lindos momentos de amor. Poza a Deus que o proteja. E a seu que receta o abraço fraterno de Henriqueta Lisboa

Os poetas amigos Emilio Moura...

POESIA E ORIGEM

O pólen de ouro que arde no recesso das corolas, no segredo dos pistilos; a visão musical de outros tranquilos céus onde o amor esteve (ou está) disperso;

a secreta palpação de uma beleza mais casta, de uma luz que se anuncia, trazem-me a sensação do próprio dia, numa contemplação que é mais certeza.

Certeza? Antes, o supremo encantamento de quem renasce com as manhãs, em luminosa plenitude, e as vê morrer, frágeis, ao vento.

A poesia é o dia reinventado. E nós, que tanto sonhamos ao criá-la, não nos lembramos mais de haver sonhado.

(In: O mito e o criador, 1945-1952)



A Alphonso e Hymirene, queridos amigos,
 afetiva lembrança de
 Henriqueta Lisboa
 Belo Horizonte, 11.2.1957

... e Henriqueta Lisboa.



CANÇÃO ANDEJA

É nada o que eu te ofereço.
Menos será que um gemido.
E nele, mal despedido,
converto-me, desapareço.

Ó formas pobres e nuas,
no pavoroso desgaste!
Eis a noite presa à haste:
quem lhe deu tamanhas luas?

Suspeito, por suspeitar,
que além da primeira esquina
virá a névoa divina
como luz dentro do mar.

(In: O mito e o criador, 1945-1952)



NASCITURO

Que direi eu ao nascituro?
Dar-lhe-ei um pouco do escuro
sentimento que vem da vida?
Ou direi antes da impressentida

estrela que existe no fundo
do mais amargo sofrimento?
Dar-lhe-ei um pouco do sentimento
escuro, de que é feito o mundo?

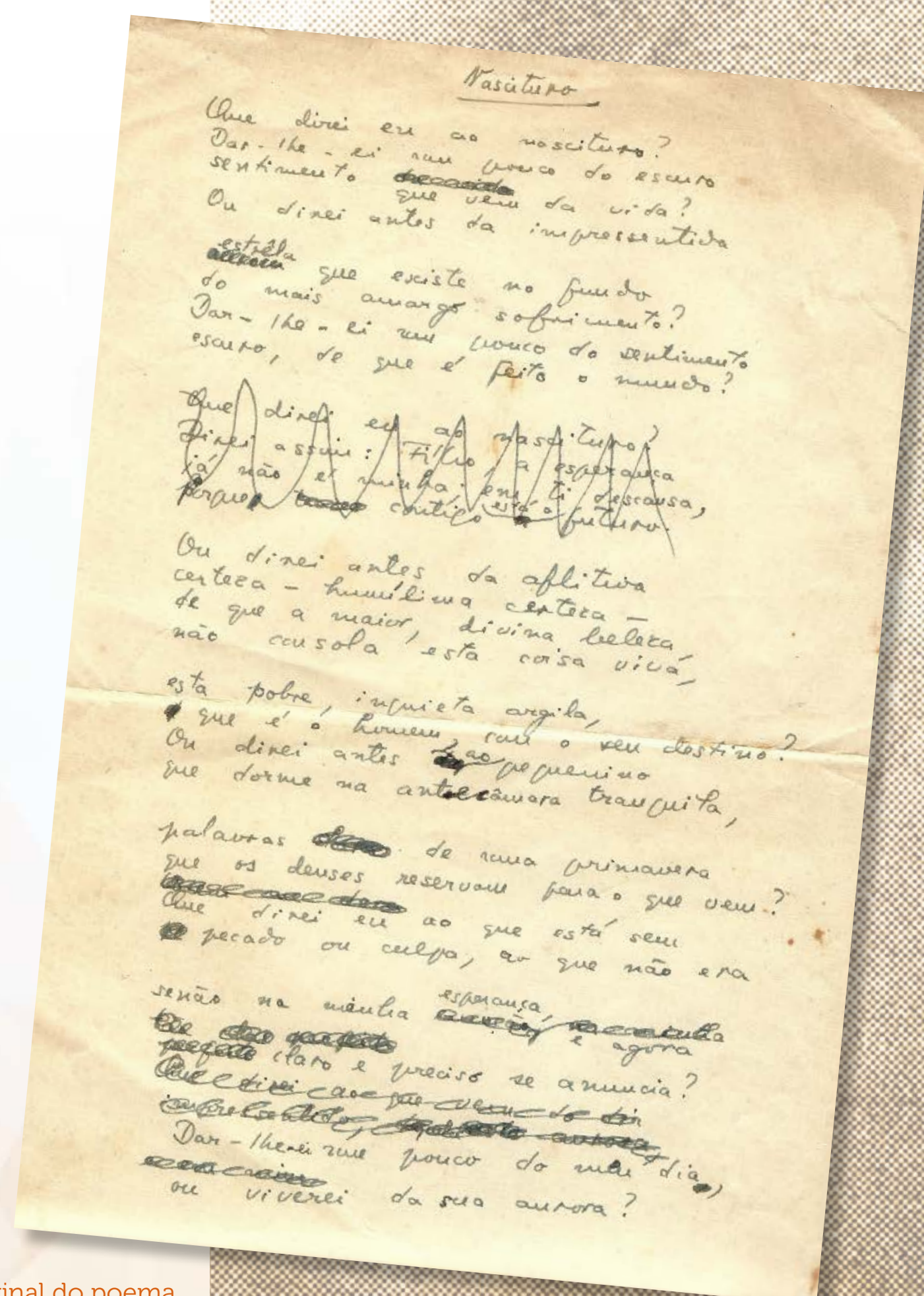
Ou direi antes da aflitiva
certeza – humilima certeza –
de que a maior, divina beleza,
não consola esta coisa viva,

esta pobre, inquieta argila,
que é o homem, com o seu destino?
Ou direi antes ao pequenino
que dorme na antecâmara tranquila

palavras de uma primavera
que os deuses reservam para o que vem?
Que direi eu ao que está sem
pecado ou culpa, ao que não era

senão na minha esperança, e agora
claro e preciso se anuncia?
Dar-lhe-ei um pouco do meu dia
ou viverei de sua aurora?

(In: O mito e o criador, 1945-1952)



Manuscrito original do poema



CANTO DE NATAL

A Criança que dorme
é tua e também minha.
Junto dela a grande noite
se apaga, e se avizinha

a madrugada santa,
com seus rumores castos...
E a Criança repousa,
e a Criança se esquece,

enquanto que no espaço
e no tempo se tece
a coroa de espinhos,
como um luar de sangue
sobre os altos caminhos.

(In: O unigênito, 1946-1947)



DO AZUL, NUM SONETO

Verificar o azul nem sempre é puro.
Melhor será revê-lo entre as ramadas
e os altos frutos de um pomar escuro
– azul de ténues bocas desoladas.

Melhor será sonhá-lo em madrugadas,
fresco, inconstante azul sempre imaturo,
azul de claridades sufocadas
latejando nas pedras – nascituro.

Não este azul, mas outro e dolorido,
evanescente azul que na orvalhada
ficou, pétala ingênua, torturada.

Recupero-o, sem ter, e ei-lo perdido,
azul de voz, de sombra envenenada,
que em nós se esvai sem nunca ter vivido.

(In: O unigênito, 1946-1947)



SONETO DOS QUARENTA ANOS

Não me ficou da vida mágoa alguma
de que possa lembrar aos quarenta anos
senão esses cansados desenganos
que o mar que trouxe leva como espuma.

Foram-se os anos, mas que são os anos?
Chama que em sombra esfaz-se, apenas bruma.
As horas que eu vivi, de uma em uma,
deixaram sonhos e deixaram danos.

Muita morte passou n'alma ferida:
meu pai e meus irmãos, mortos amados.
Mas pela minha vida passou vida,

passou amor também, passou carinho.
E pelos dias claros ou magoados
não fui feliz e nem sofri sozinho.

(In: O habitante do dia, 1959-1963)



O poeta com irmãos, entre eles o escritor João Alphonsus, e a mãe, Zenaide.





OS EMBARCADIÇOS

Aqui – como a um cais chegam veleiros –
chegam os embarcadiços, já cansados.
Onde das mãos os gestos costumeiros
ou o ruído dos pés paralisados?

Chegam, mas tão discretos, com tal sigilo,
que ao próprio silêncio se incorporam
ou, antes, quedam inertes para ouvi-lo.
No entanto, em torno, as águas choram, choram.

(In: O habitante do dia, 1959-1963)



SONETO PREMONITÓRIO

Sobre este plano, liso chão, me deito
à maneira dos mortos. Que arrepio...
Que sensação estranha de outro frio,
como uma unha, me escalavra o peito...

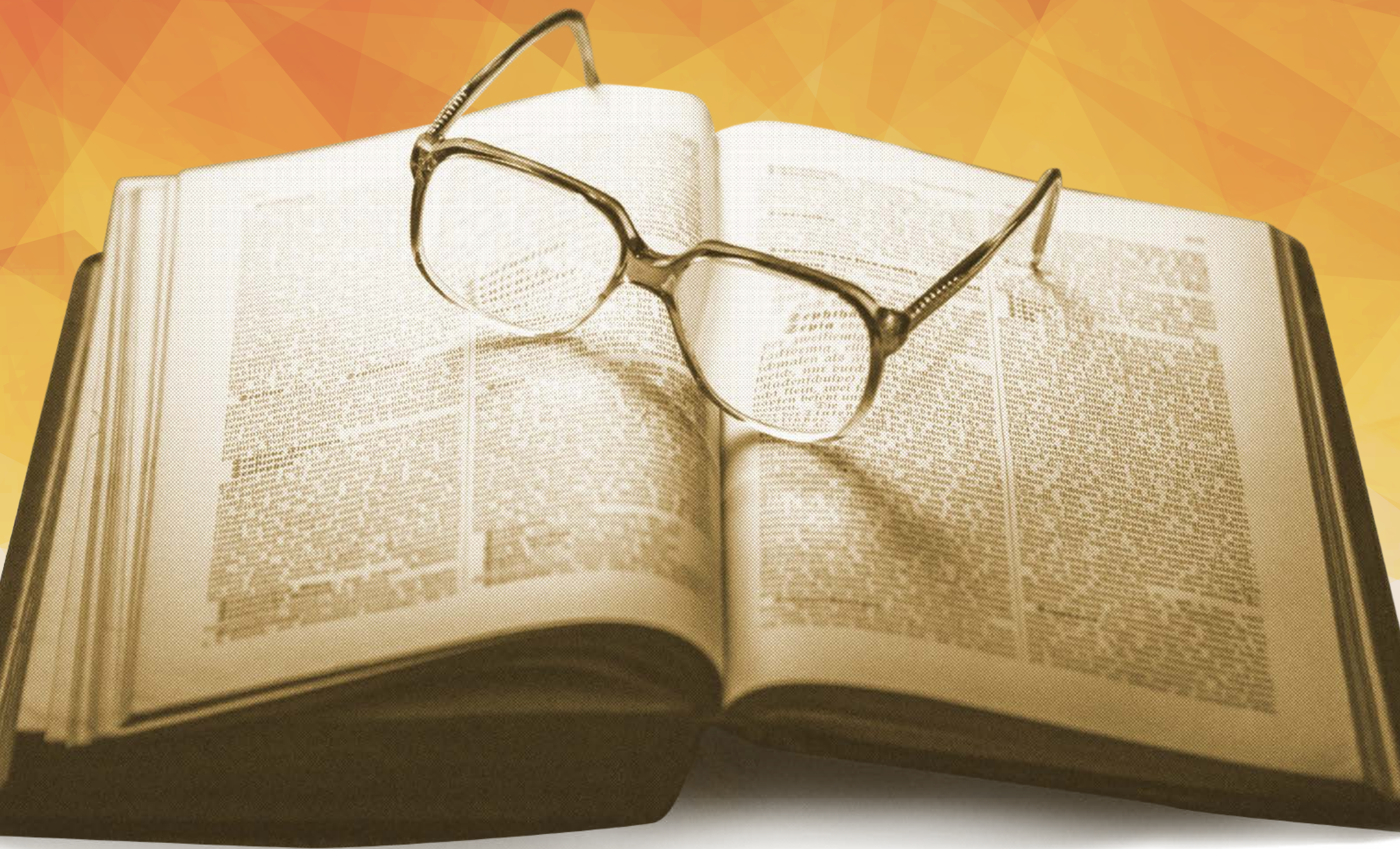
Me deito aqui, no liso chão, e espreito...
Guardam as coisas, que do chão espio
crescerem para mim, num desafio,
não sei que grave gesto insatisfeito...

Tanto me habituei a estar comigo
que ir-me embora de mim me causa pena.
No liso chão deitado o corpo sente

um sossego de estar – de estar somente –
coisa que à grande inércia se condena,
pedra, talvez, de algum túmulo antigo...

(In: O habitante do dia, 1959-1963)





DEVORAR

Devorar esses livros como quem come folhas de alface. Devorá-los, de muitos condimentos salpicá-los, para que afinal nos saibam bem.

Não feri-los, roê-los, esmagá-los. Devorá-los com a fome que nos vem da esperança talvez de iluminá-los, de revelá-los sem tristeza, sem.

Não impulso de papirofagia, ou de quem come cinza. Tão-somente ir ao cerne da noite que os retém.

Devorá-los com certa nostalgia, em nós fundi-los derradeiramente, e então deixá-los como lhes convém.

(In: Discurso no deserto, 1975-1981)



RECADO

Como se me trouxesse algum recado
do céu, uma ave entrou-me pela casa.

Ficou em tudo um frêmito de asa,
frêmito breve de um inesperado

mundo feito de sol, de céu, de canto.
Como se me trouxesse uma certeza

que sacudisse meu cansado espanto,
entrou, se foi, e mais do que indefesa

pareceu-me, não sei, estranha e forte
tal como o sopro da manhã, do dia,

algo tão belo que eu não entendia,
a pobre vida dominando a morte.

Como se me trouxesse algum recado...
E o recado ficou, indefinido,

pairando em mim, vago e transfigurado
pássaro ausente num jardim caído.

(In: Discurso no deserto, 1975-1981)



BALADA DOS MOÇOS DOS TEMPOS D'ANTANHO

Na Praça da Liberdade,
na liberdade das ruas
da madrugada, se iam
cinco amigos de verdade
confidenciando as suas
mágoas que desconheciam,
no aquário do mundo estranho.

Onde estão eles, moços d'antanho?

Otto Lara Resende, vindo
de São João del-Rei, dizia
que só mesmo a gente caindo
dentro da Igreja, pelo teto
de uma igreja, desabando
da nossa perplexidade na
paz de um porto supremo e quieto.

Otto, te banhas na Luz? Me banho?

Onde estão os moços d'antanho?

E Paulo Mendes Campos, referto
de poesia, Paulo grave, profundo
no jeito de quem não-está,
Paulo absorto em sombras, ferido
de um sentimento (seu) do mundo,
pairando acima do deserto
em que um poeta vai perdido
atrás de imaterial rebanho...

Onde estão os moços d'antanho?

Fernando Sabino que agitado
como a própria mocidade, trazia
méritos de atleta, e se encharcava
também no sumo da poesia,
Fernando todo alacridade,
Fernando todo claridade,
a mocidade transfigurava
no seu impulso de atleta-poeta,
de atleta-poeta convulsionado
empós de um reino fugaz, perplexo,
mais belo por mais desconexo
no aquário do mundo estranho.

Onde estão os moços d'antanho?

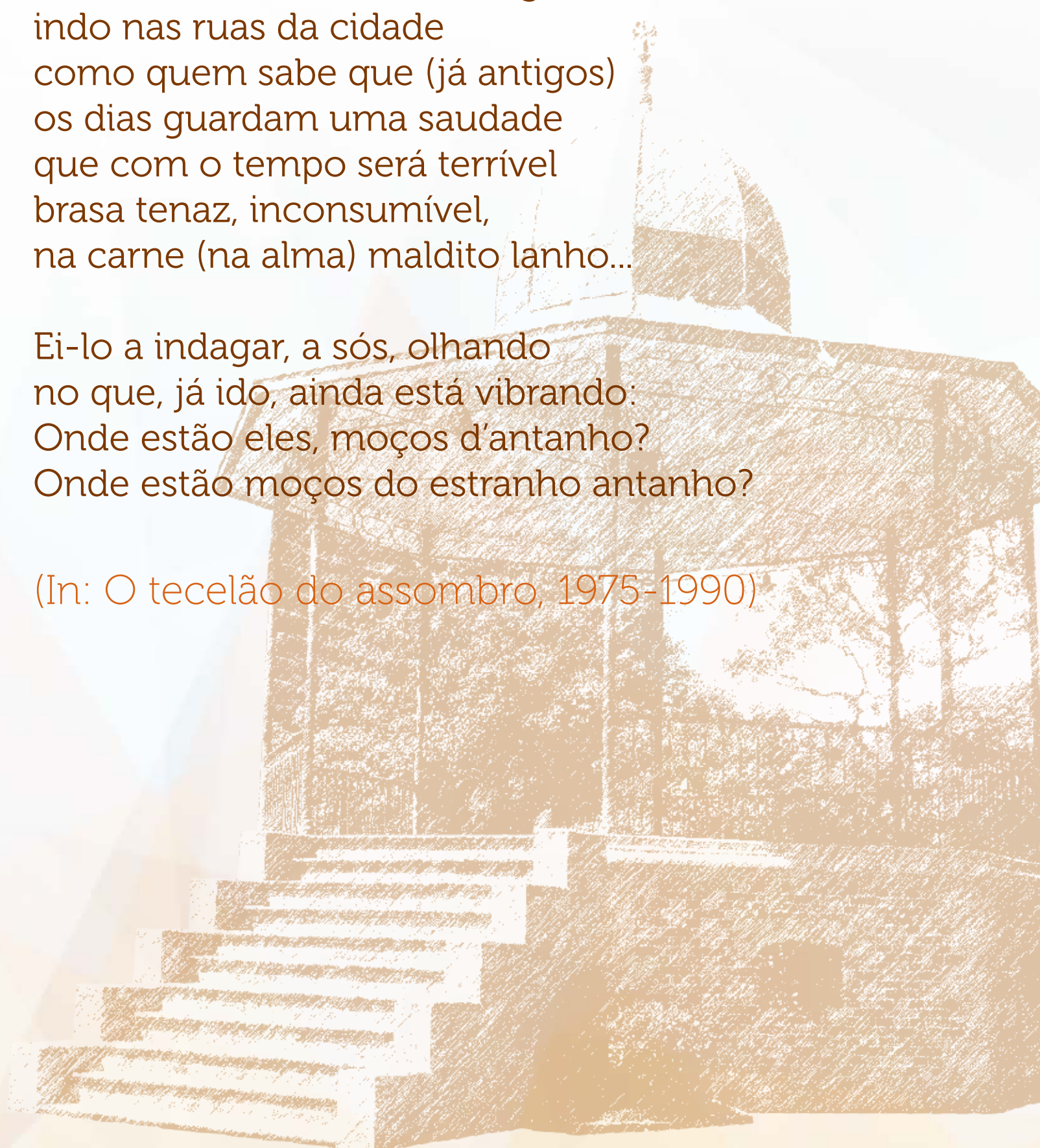
Hélio Pellegrino, flamante,
movido ao impulso que arremetia
às águas fundas, ao diamante
dos diamantes (a poesia?),
Hélio sonhando, Hélio bradando
por uma vida além da vida
e suspirando e se agitando
na sua inquietação de moço
para quem tudo somente era
grande luz de invisível poço,
poço de Deus? da alma? clara,
luminosíssima cisterna
mal suspeitada e aberta para
a única manhã-manhã, e eterna.

Onde estão os moços d'antanho?

E o visionário conduzindo
na própria treva a perdição
do que simula ser tão lindo
e é mais que cinza e frustração,
ele, sonhando, ele, com amigos
indo nas ruas da cidade
como quem sabe que (já antigos)
os dias guardam uma saudade
que com o tempo será terrível
brasa tenaz, inconsumível,
na carne (na alma) maldito lanho...

Ei-lo a indagar, a sós, olhando
no que, já ido, ainda está vibrando:
Onde estão eles, moços d'antanho?
Onde estão moços do estranho antanho?

(In: O tecelão do assombro, 1975-1990)





O poeta com a esposa, Hymirene Papi de Guimaraens

SEGUNDO SONETO DOS OITENTA ANOS

O eterno indagar: por que chegamos?
E na viagem que se segue inquieta
e trepidante, quem em nós secreta
pungir ou alegria indecifrados,

que se fundem, se esvaem, quando vamos?
Cada década se esfaz e como pesa
depois, sentir o ido! O que se preza
é algo que veio num rolar de dados.

Mas eis-me aqui, jungido a este momento
em que tudo é um volver para o já sido
que eu busco em vão nos seus desvãos reter,

vendo que a sombra de um veleiro lento
é tudo o que restou de um cais partido
onde espantoso mar devora o ser.

(In: O tecelão do assombro, 1975-1990)



DEITAS TEU CORPO EM FLOR

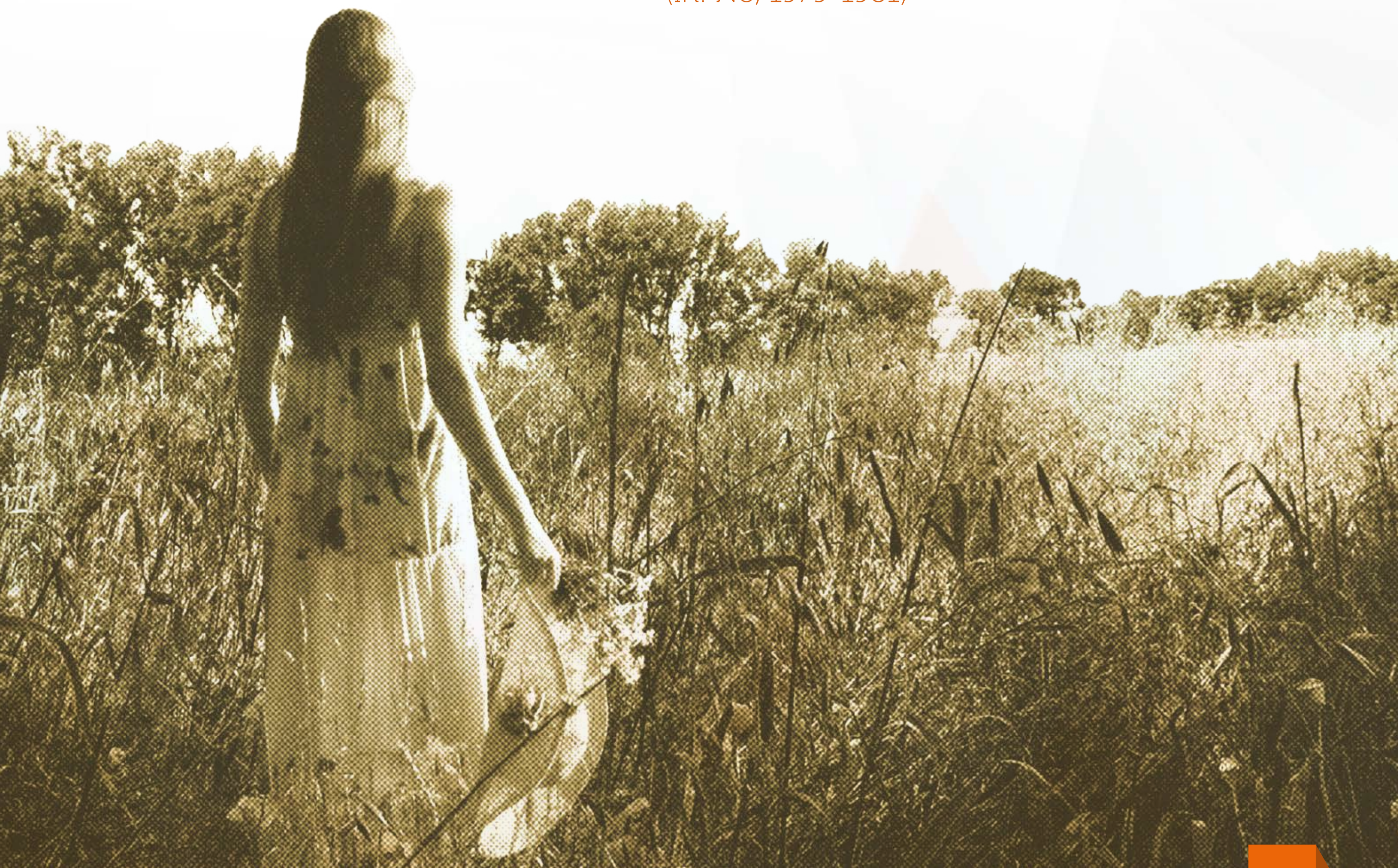
Deitas teu corpo em flor no campo claro
e toda ao sol te entregas, matinal.
Um perfume de luz se espalha qual
puro delírio, canto esquivo e raro.

Sorver o aroma, recolher o puro
estremecer de flor, ó pólen, ó mel
que irrompendo de tudo vibra em céu
de água a cair das coisas num futuro

instante de fantástica beleza
e de beijo e de afago e de um supremo
arfar de chama em límpida penugem.

Deitas teu corpo em flor, e a natureza
funde-se em ti no alto silêncio extremo
de volúpia desfeita em brisa e nuvem.

(In: Nó, 1979-1981)





Casamento de Alphonsus Filho com
Hymirene, Rio de Janeiro, 1943

POEMA SONHADO

Para Hymirene

Se não for pela poesia, como crer na eternidade?
Os ossos da noite doem nos mortos.
A chuva molha cidades que não existem.
O silêncio punge em cada ser acordado pelos cães invisíveis do assombro.
Os ossos da noite doem nos vivos.
A escuridão lateja como um seio.
E uma voz (de onde vem?) repete incessante, incessantemente:
Se não for pela poesia, como crer na eternidade?

(In: Luz de agora, 1987-1990)



SONETO

A Maria José de Queiroz

A uma réstia de sonho chamam vida.
A uma sombra maior chamam-lhe morte.
Vida e morte, não mais, pouso e suporte,
sopro de permanência e despedida.

Uma treva febril noite é chamada.
A uma luz mais febril chamam-lhe dia.
E entre elas se põe a estrela fria
que irrompe como flor da madrugada.

Paira em tudo um silêncio que anoitece,
que amanhece, que vence todo ruído,
e como sol não visto num perdido
horizonte se esfaz e se retece.

Tudo é longe demais, por demais perto.
E a alma, que faz neste feroz deserto?

(In: Luz de agora, 1987-1990)



MÁQUINAS

Lubrifiquem-se as máquinas cegas
implacáveis.

Lubrifiquem-se
todos os êmbolos,
todas as roldanas.

As triturantes e denticuladas
máquinas que nos circundam
lubrifiquem-se.

Na vida suja e poluída haja
um estridor

um súbito mover-se
de mil hélices.

Lubrifiquem-se a alma.

Que ela se embarafuste na engrenagem,
e rodopie.

E seja um parafuso, um prego, uma haste,
e tudo seja e nada seja enquanto

todas as máquinas ceguem

todas as máquinas girem

e a vida esvaia-se num gemer de imensas

bocas de ferro,

carnes de ferro,

almas de ferro,

almas – mas almas feitas ferro, e sangue.

(In: Luz de agora, 1987-1990)

Alphonsus Filho, na cabeceira, em reunião com o
presidente JK, Rio de Janeiro, década de 1950.



BIBLIOGRAFIA

A cidade do sul. Belo Horizonte: Movimento Editorial Panorama, 1946.

Absurda fábula (Prêmio Luísa Cláudio de Souza, do Pen Clube do Brasil). Rio de Janeiro: Artenova/MEC, 1976. (Contém uma seleção dos livros anteriores, acrescida de um inédito: Só a noite é que amanhece.)

Água do tempo (Prêmio Literário Nacional). Rio de Janeiro/Brasília: Nova Aguilar/MEC, 1973. (Contém uma seleção de livros anteriores, acrescida de um inédito: Só a noite é que amanhece.)

Antologia poética (1. e 2. edições. Contém, além de uma seleção dos livros anteriores, um inédito: O habitante do dia). Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963.

Discurso no deserto. Rio de Janeiro/Brasília: Cátedra/Instituto Nacional do Livro/Fundação Nacional Pró-Memória, 1982.

Lume de estrelas (Prêmio de Literatura da Fundação Graça Aranha e Prêmio Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras). Belo Horizonte: Edições Mensagem, 1940.

Luz de agora. Rio de Janeiro: Cátedra, 1991.

Nó (Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro). Rio de Janeiro: Record, 1984.

Novos poemas (Transeunte e Ao oeste chegamos). Brasília: Editora Dom Bosco, 1968.

O irmão (Prêmio Manuel Bandeira, do Jornal de Letras). Rio de Janeiro Livraria Agir Editora, 1950.

O mito e o criador (Prêmio de Poesia Cidade de Belo Horizonte). Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1954.

Poema da ante-hora. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1971.

Poemas reunidos (Além dos livros anteriores, contém mais cinco até então inéditos: O unigênito, Elegia de Guarapari, Uma rosa sobre o mármore, Cemitério de pescadores e Aqui). Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

Poemas. Afonso Henriques Neto (org). Rio de Janeiro: Sette Letras, 2000.

Poesias (Sonetos da ausência e Nostalgia dos anjos). Porto Alegre: Livraria Globo, 1946.

Só a noite é que amanhece (Poemas escolhidos e versos esparsos). Rio de Janeiro: Record, 2003.

Sonetos com dedicatória. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1956 (Coleção Cadernos de Cultura).

Todos os sonetos. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 1996.



ALPHONSUS DE GUIMARAENS FILHO

Viajando num raio de lua



CURADORIA

Afonso Henriques Neto
Dinah Papi de Guimaraens

FICHA TÉCNICA

FERNANDO DAMATA PIMENTEL
Governador do Estado de Minas Gerais

ANTÔNIO ANDRADE
Vice-Governador

ANGELO OSWALDO DE ARAÚJO SANTOS
Secretário de Estado de Cultura

JOÃO BATISTA MIGUEL
Secretário de Estado Adjunto de Cultura

LUCAS GUIMARAENS DE ARAÚJO RIBEIRO
Superintendente de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário

CLEIDE A. FERNANDES
Diretora do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas Municipais

Equipe do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas Municipais

Aparecida do Carmo
Ericka Fantauzzi
Nathalia Leonie
Silvania Alves
Vânia Macedo

Revisão

Flávia Figueirêdo

Designer Gráfico

Léo Camisão